UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA-CAAB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM-FACL
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

ADENILDA SENA DOS SANTOS

A APLICAÇÃO DA TEORIA SEMIÓTICA PEIRCIANA NO GÊNERO CHARGE

Abaetetuba-Pará
Junho/2018

ADENILDA SENA DOS SANTOS

A APLICAÇÃO DA TEORIA SEMIÓTICA PEIRCIANA NO GÊNERO CHARGE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do curso de graduação em Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras-Habilitação Língua Portuguesa, sob orientação do Professor Mestre José Eduardo Pastana Silva.

Abaetetuba-Pará
Junho/2018

ADENILDA SENA DOS SANTOS

Banca examinadora

_____

Profº. Me. José Eduardo Pastana Silva
Orientador-UFPA

_____

Professora Rosângela

Examinadora-UFPA

Apresentado em: __ /__ / _____ .

Conceito: _____

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **5**
2 SEMIÓTICA PEIRCEANA **6**
3 O GÊNERO TEXTUAL CHARGE **9**
4 METODOLOGIA **10**
5 ANÁLISE SEMIÓTICA DAS CHARGES **11**
5.1 Ponto de vista qualitativo-icônico **12**
5.2 Ponto de vista singular-indicial **12**
5.3 Ponto de vista convencional-simbólico **12**
6 ANÁLISE SEMIÓTICA DA CHARGE 2 ..... **14**
6.1 Ponto de vista qualitativo-icônico **14**
6.2 Ponto de vista singular-indicativo **14**
6.3 Ponto de vista convencional-simbólico **15**
REFERÊNCIAS **16**

A APLICAÇÃO DA TEORIA SEMIÓTICA PEIRCIANA NO GÊNERO CHARGE

ADENILDA SENA DOS SANTOS[1]

JOSÉ EDUARDO PASTANA SILVA[2]

Resumo: O presente trabalho investiga o processo de significação implícita envolvendo o gênero charge segundo a perspectiva da semiótica peirceana. Deste modo, busca-se compreender o processo de produção de sentido à luz desta teoria. A metodologia empregada é de acordo com Santaella (2005). Para complementar nossa investigação sobre o processo de produção de sentido referente ao corpus analisado, estabelecemos diálogo com Marcuschi (2011), que teoriza sobre os gêneros textuais e com Fernandes (2008) e Orlandi (1999), que tratam sobre Análise do Discurso. A leitura da charge a partir da análise semiótica realizada nos permitiu concluir que a significação implícita se dá exatamente no modo como o signo está configurado, confirmando a ideia de que o signo representa uma realidade sociocultural, um discurso, mas essa representação ocorre de forma expressiva, o que é peculiar ao gênero charge.

Palavras-Chave: Análise semiótica. Significação implícita. Produção de sentidos.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga o processo de produção de significação implícita envolvendo o gênero charge segundo a perspectiva da semiótica de Peirce (2010), especialmente segunda tricotomia, que trata da relação do signo com seu objeto. Pretende-se compreender o processo de produção de sentido à luz desta teoria, pois ela se propõe analisar qualquer linguagem, pois considera que tudo é signo, isto é, tudo é uma representação. Nesse caso, essa teoria objetiva explicitar as significações presentes nos signos e, consequentemente, acaba por descrever um método de leitura aplicado às imagens (análise semiótica), já que busca analisar essas significações e o processo interpretativo implicado nelas.

Nesse sentido, levando em consideração os conceitos de signo e de objeto e a relação signo-objeto segundo as definições de Peirce concernentes ao funcionamento da linguagem, chegou-se ao seguinte problema: uma análise semiótica nos permite identificar todo conteúdo semântico implícito do gênero charge? Entende-se por conteúdo semântico implícito aquele

[1] Graduanda regularmente matriculada no curso de Letras-Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará-Campus Universitário de Abaetetuba.

[2] Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Professor da Universidade Federal do Pará-Campus Universitário de Abaetetuba.

conjunto de elementos textuais que, para terem sua referência identificada, dependem do nosso conhecimento de mundo. Deste modo, parte-se da hipótese de que estes conteúdos estão expressos de alguma maneira ("indiretamente") no próprio signo, pois as charges são textos que tem uma característica comum a todos os textos: os significados implícitos. E como se trata de uma linguagem (a charge), e toda linguagem é uma convenção que remete a uma referência no/do mundo (visão de mundo: social, histórica e cultural), os significados implícitos ganham configuração pela forma como a linguagem é expressa, isto é, o signo charge apresenta uma configuração textual (sigínica) que representa, de modo caricaturesco e ao mesmo tempo alegórico, uma realidade social, o que confere ao gênero um estatuto crítico, satírico e humorístico.

A metodologia da análise semiótica é orientada por Santaella (2005, p. 34), e consiste em direcionar três olhares diferentes para os signos: o olhar fenomenológico, o olhar observacional e o olhar generalizante. E para complementar nossa investigação sobre o processo de produção de sentido referente ao corpus analisado, estabelecemos diálogo com Marcuschi (2011), que teoriza sobre os gêneros textuais e com Fernandes (2008) e Orlandi (1999), que tratam sobre Análise do Discurso. Ambas são teorias importantes, pois cada uma a seu modo contribue no sentido de nos fazer compreender o processo de produção de sentido presente nos textos.

2 SEMIÓTICA PEIRCEANA

A semiótica de Peirce (2010) é uma das disciplinas que compõem uma ampla arquitetura[3] filosófica que tem suas bases na fenomenologia (primeiridade, secundidade, terceiridade: categorias universais que se referem ao modo como ocorre a apreensão e compreensão dos fenômenos do mundo pela consciência humana). Para Santaella (2005), a fenomenologia "é uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, desde algo mais simples, como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, até algo mais complexo, como um conceito abstrato". O termo fenômeno

[3] Um conjunto de teorias (Estética, Ética e Semiótica ou lógica) que se inter-relacionam sistematicamente em virtude de todas estarem baseadas na fenomenologia que, segundo as concepções conceituais de Peirce, é de caráter anti-cartesiana. Peirce (2010) tinha um empreendimento científico-filosófico: de romper com as concepções cartesianas sobre o processo de pensamento humano (conhecimento). Nesse caso, a semiótica, sendo parte dessa arquitetura é, na verdade, uma filosofia científica da linguagem, funcionando também como uma teoria *sígnica* do *conhecimento, que desenha, num diagrama lógico, a planta de uma nova fundação para se repensar as eternas e imemoriais interrogações acerca da realidade e da verdade* (SANTAELLA, 2000, p. 90).

deriva vocábulo grego *Phaneron* e significa tudo aquilo que aparece à percepção e à mente. Nesse sentido, este estudo fenomenológico diz respeito ao conjunto das experiências humanas presentes na consciência, pois a fenomenologia, por seu caráter filosófico, trata da relação homem-mundo. Sendo assim, como somos seres de linguagem e em nossa relação com o mundo ela exerce o papel de mediadora, o que temos em nossa consciência são fenômenos de linguagem. E toda linguagem busca representar algum fenômeno do mundo, algo do mundo sempre conforme a consciência humana, algo real ou imaginário, concreto ou abstrato. Em outras palavras, os fenômenos da consciência correspondem aos signos que mediam nossa relação com o mundo.

Santaella (2001) diz que a Semiótica tem por objetivo investigar todas as linguagens possíveis (os signos), pois "*é uma ciência que examina os modos de constituição de todo e qualquer fenômeno que se constitua como fenômeno de produção de significação e de sentido"*. O *signo* é qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma outra coisa, chamada de *objeto do signo*[4], e que produz um *efeito interpretativo* em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de *interpretante do signo*[5] (SANTAELLA, 2005, p. 8). Temos assim, uma relação triádica do signo: signo, objeto e interpretante. Essa relação, na verdade, corresponde às categorias fenomenológicas postuladas por Peirce (2010), por isso o signo é sempre três, porque ele é fruto da percepção qualitativa, relacional e simbólica da mente humana.

De acordo com Peirce (2010):

> Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto* (PEIRCE, 2010, p. 46).

A semiótica apresenta subdivisões e estamos trabalhando com o ramo denominado Gramática Especulativa, que estuda qualquer tipo de signo e seu funcionamento. Dentro desse ramo, Peirce (2010) elaborou classificações dos signos denominadas de tricotomias[6], que

---

[4] O objeto não pode se restringir à noção de um existente ou um objeto real [...] não é necessariamente algo que poderíamos conceber como um individual concreto e singular; ele pode ser um conjunto ou uma coleção de coisas, um evento ou ocorrência, ou ele pode ser da natureza de uma "ideia" ou "abstração" ou um "universal" (RANSDELL apud SANTAELLA, 2000, p. 15).

[5] O interpretante não é resultado de uma atividade subjetiva [...] é uma propriedade objetiva que o signo possui em si mesmo [...] um conteúdo objetivo do próprio signo (SANTAELLA, 2000, p. 61) Em outras palavras, o interpretante também é de natureza representativa e, por isso, apresenta uma relação com o objeto.

[6] Estas três tríades tornaram-se mais conhecidas provavelmente porque a elas ele dedicou maior atenção, dado ao fato de que elas devem ser as mais importantes. Se o signo é algo que traz um objeto para uma relação com um

dizem respeito à três tipos de relação que a tríade sígnica apresenta: relação do signo com ele mesmo, com seu objeto e com seu interpretante. Abaixo um quadro apresentado por Coelho Netto (2003) para ilustrar essa relação:

	DIVISÃO DOS SIGNOS		
Categoria	O signo em relação a si mesmo	O signo em relação ao objeto	O signo em relação ao interpretante
Primeiridade	Qualissigno	Ícone	Rema
Secundidade	Sinssigno	Índice	Dicissigno
Terceiridade	Legissigno	Símbolo	Argumento

Sendo assim, para atender aos objetivos deste trabalho serão aplicados os conceitos da segunda tricotomia, que dizem respeito à relação que o signo mantém com seu objeto: relação icônica, indicial e simbólica. E como se busca investigar o processo de significação implícita à luz da semiótica peirceana, considera-se que estes conceitos estão mais aptos para analisar os signos escolhidos.

De acordo com Santaella (2000), um signo é um ícone se ele se assemelhar ao seu objeto e se a qualidade ou caráter, no qual essa semelhança está fundada, pertencer ao próprio signo, quer seu objeto exista ou não.

> Um ícone é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer tal objeto exista ou não. É certo que, a menos que realmente exista um tal objeto, o Ícone não atua como signo, que nada tem a ver com seu caráter como signo. Qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizada como um seu signo (PEIRCE, 2010, p. 52).

O índice é um signo que mantém uma conexão existencial com seu objeto, isto é, onde houver ligação de fato, uma conexão física entre signo e objeto que faz o índice funcionar como signo haverá traço de indexicalidade independente de ser interpretado ou não.

---

interpretante, então o signo exibe consequentemente cada uma dessas três modalidades: ele é algo em si mesmo, em conexão com um segundo e uma mediação entre um segundo e um terceiro (SANTAELLA, 2000, p. 92).

(SANTAELLA, 2000, p. 123). Em outras palavras, o índice sinaliza a existência do seu objeto. Por ser afetado existencialmente por um objeto, o índice funciona como signo.

> É um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por este Objeto [...] Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele necessariamente alguma Qualidade em comum com o Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao objeto. Portanto, o Índice envolve uma espécie de Ícone, um Ícone de tipo especial; e não é mera semelhança com seu Objeto, mesmo que sob estes aspectos que o torna um signo, mas sim sua efetiva modificação pelo Objeto (PEIRCE, 2010, p. 52).

Segundo Coelho Netto (2003, p. 58) o símbolo é um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de uma associação de ideias produzidas por uma convenção, isto é, o símbolo é um signo cuja virtude está na generalidade da lei, regra, hábito ou convenção de que ele é portador e a função como signo dependerá precisamente dessa lei ou regra que determinará seu interpretante (SANTAELLA, 2000, p. 132). Em outras palavras, o estatuto convencional do símbolo se dá pelo fato de que toda linguagem apresenta caráter social, uma vez que para garantir a comunicação é preciso alcançar uma generalidade.

3 O GÊNERO TEXTUAL CHARGE

Os gêneros textuais dizem respeito ao conjunto de textos[7] que circulam socialmente, segundo uma dinâmica sociocomunicativa que, segundo Marcuschi (2011, p. 18) engloba "formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem". Em outras palavras, os gêneros são produções textuais que geralmente materializam práticas sociais institucionalizadas, porque estão ligados às atividades humanas (jurisprudência, jornalismo, literatura, educação, ciência, religião, filosofia, política etc). Todas as teorias que tratam sobre gêneros convergem para a ideia de que eles estão atrelados às práticas sociais, por isso são formas de ação cognitiva e discursiva materializadas na linguagem.

> Gênero textual refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos

[7] "O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas" (BEAUGRANDE apud MARCUSCHI, 2008, p. 72). Esta é uma definição segundo a perspectiva sociodiscursiva, que considera a produção textual segundo uma dimensão sócio-histórica de produção de sentidos veiculados pelos textos, porque concebe a língua como um trabalho social, histórico e cognitivo.

> concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2000, p. 155).

O gênero textual charge[8] consiste num texto em que é mesclado linguagem verbal e não-verbal. Este gênero circula em revistas e jornais, instâncias que geralmente tomam algum posicionamento ideológico a respeito de algum acontecimento atual. As charges são textos que expressam ideias críticas, satíricas e irônicas sobre fatos de ordem social, política, cultural, científica etc., quase sempre envolvendo personalidades (envolvidas em um contexto situacional) que são personificadas de acordo com algum ponto de vista adotado. As charges se caracterizam também pela retratação do exagero e do humor, certamente devido à forma caricaturesca dos personagens e das situações mostradas, o que se contribui bastante para a ênfase ideológica e discursiva deste gênero.

4 METODOLOGIA

Este trabalho iniciou-se com uma pesquisa documental de signos (charges mais recentes) que se encontram publicados na internet. A pesquisa documental é definida como um conjunto de operações que visam "representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referenciação" (BARDIN, 1977, p. 45). Nesse caso, as charges foram retiradas dos lugares sociais característicos para servirem de objeto de estudo da teoria semiótica como uma linguagem a ser analisada em suas implicações comunicativas para, assim, servir de norte a pesquisas posteriores no âmbito acadêmico. A abordagem desta pesquisa será qualitativa, de cunho interpretativo, e consistirá na leitura do referencial semiótico conjugado com o referencial pertinente para interpretação dos signos que serão analisados.

O corpus escolhido para a realização de uma análise semiótica faz parte da esfera jornalística e circula em revistas, jornais, sites jornalísticos etc., O objetivo dessa produção textual é representar de maneira crítica, satírica e humorística vários acontecimentos referentes à dinâmica das relações sociais (política, economia, sexualidade, culturas, artes, etc.,). Por conta desse objetivo a charge tem um caráter eminentemente político. As charges escolhidas para análise tematizam algo em comum: o processo educativo institucional (educação escolar e formação continuada do professor). Dessa maneira, apresentam ideias do produtor da charge sobre os processos educativos tematizados, pois ele assume um posicionamento referente ao tema.

[8] A palavra charge é de origem francesa e significa "carga".

A outra etapa foi uma pesquisa bibliográfica, que abarcou primeiramente as obras de Peirce (2010) e de seus principais comentadores brasileiros: Santaella (2008, 2001, 2000, 2012), Coelho Neto (2010), bem como as contribuições de Marcuschi (2000), Fernandes (2008) e Orlandi (1999) sobre a produção de sentido presente nos textos. A outra etapa da pesquisa bibliográfica foi realizada mediante leitura de trabalhos publicados na internet que apresentam análises semióticas de charges que circulam socialmente. Após esta etapa seguimos para a análise semiótica do corpus, que consistiu no último passo metodológico, este referente ao método da análise semiótica propriamente dita. Segundo Santaella (2005), para se analisar o modo como as mensagens e as linguagens são produzidas, deve-se partir de três olhares distintos: o fenomenológico ou contemplativo, o observacional e o generalizante.

> A primeira espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspecto qualitativo do signo, apenas sua face de qualidade [...] para o poder de sugestão, evocação, associação que o signo exibe [...] A segunda espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspectos existente de um signo [...] A terceira espécie de olhar que devemos dirigir ao fundamento é aquela que leva em conta a propriedade de lei (SANTAELLA, 2005, p. 34-35).

5 ANÁLISE SEMIÓTICA DAS CHARGES

Duas charges serão analisadas. Doravante denominadas charge 1 e charge2.

Imagem 1: Fonte google[9]

9 https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=charge+sobre+educa%C3%A7%C3%A3o&fr=yset_chr_syc_oracle&imgurl=https%3A%2F%2Fnovostalentosmoacirgadotti.files.wordpress.com%2F2012%2F05%2Fcharge.jpg#id=72&iurl=http%3A%2F%2Flh3.ggpht.com%2F-iOCbPg6XPoY%2FUdkEXqCvRPI%2FAAAAAAAAJPE%2FIeOoI6O-Lro%2Fcharge-para-camisa%25252520educaa%252525C3%252525A7%252525C3%252525A3o_thumb%2525255B3%2525255D.jpg%3Fimgmax%3D800&action=click. Acessado em abril de 2018.

5.1 Ponto de vista qualitativo-icônico

No que diz respeito ao aspecto *qualitativo-icônico*, percebe-se a presença de enunciados na parte superior da imagem: “meritocracia X aprendizagem” (em letras de maiúsculas) e “Tempos modernos nas escolas II” (letras minúsculas). Logo abaixo aparece imagens que sugerem a presença de uma professora, dos alunos, de um quadro-negro, de engrenagens e de uma esteira de linha de montagem.

5.2 Ponto de vista singular-indicial

O aspecto singular-indicial se manifesta na imagem a partir dos traços e contornos dos desenhos que dão forma às pessoas e aos objetos que realmente tem existência concreta no mundo, como a professora, os alunos, o quadro negro, as carteiras, as engrenagens, a esteira e a chave de boca.

5.3 Ponto de vista convencional-simbólico

Sobre o aspecto simbólico da charge analisada é possível perceber a presença de um discurso que critica o modo como a instituição escolar está organizada (pedagogia tradicional e tecnicista), ou seja, sua prática educativa anacrônica e meritocrática é simbolizada pela presença do quadro negro, da fila indiana, da professora operária e da esteira fabril. É uma crítica que remete ao anacronismo tanto no que diz respeito aos aspectos físico-espaciais e estruturais das escolas quanto aos seus aspectos burocráticos de ensino (meritocracia). A fila indiana é uma antiga forma de organização espacial que representa o caráter autoritário da prática pedagógica, pois o professor “repassa” o conteúdo ao aluno. Essa crítica recai especialmente sobre o seguinte processo: a suposta transmissão de conhecimentos, a concepção de aprendizagem e os procedimentos de avaliação. Ou seja, é uma crítica à escola meritocrática porque ela dinamiza um processo excludente, pois a lógica da meritocracia é desconsiderar as diferenças, além de ser um desdobramento das relações vigentes na sociedade capitalista, pois o mérito e a exclusão são tidos como processos naturais do sistema socioeconômico. Sendo assim, a responsabilidade de sucesso ou fracasso recai apenas sobre o indivíduo.

Os signos verbais, no modo como estão dispostos, remetem a um placar, quer dizer, meritocracia *versus* aprendizagem (em disputa), o que realmente é algo objetivo, diz respeito

a confrontos ideológicos, pois há áreas científicas que discursam sobre o fenômeno da aprendizagem, da cognição humana e dos procedimentos de avaliação e consideram o caráter complexo de todas elas. São discursos que atestam a ineficácia do sistema de ensino vigente em nosso país frente às diferenças culturais entre as pessoas e frente às novas formas de aprendizagens advindas especialmente das novas relações sociais através do uso dos recursos tecnológicos do mundo contemporâneo e sua imensidão de signos. Nesse caso, o enunciado "Tempos modernos nas escolas II" funciona exatamente como uma crítica, uma ironia a esta escola vigente que "parou no tempo", já que estamos na era contemporânea, os processos de produção são outros, bem como os recursos tecnológicos utilizados e seus reflexos sobre os processos cognitivos.

A professora aparecendo com uma chave de boca na mão utilizando esse objeto para abrir a cabeça dos alunos, que aparecem enfileirados, todos com a mesma fisionomia e posição, passando por uma esteira, simboliza a padronização do conhecimento, da aprendizagem e da avaliação e, logo a padronização dos alunos, da mesma forma como era padronizada a produção de mercadorias nas fábricas do século XIX, onde cada etapa do trabalho era realizada por um especialista fazedor de um mesmo e repetitivo processo. E a padronização é a característica principal da escola meritocrática, pois esta mesma escola, no modo como está organizada burocraticamente, apresenta uma característica de funcionamento semelhante ao da fábrica: o conhecimento é um produto, uma mercadoria pronta que só precisa ser introjetada na cabeça dos alunos, porque o papel destes é serem como máquinas de assimilação; por último há a avaliação que nada mais é do que um teste seletivo para verificar se houve assimilação do produto; aqueles que não conseguem são tidos como mercadorias defeituosas e por isso descartadas do mercado.

O discurso contrário a esta prática educativa da escola meritocrática considera que esta organização escolar faz parte de um processo mais amplo de desigualdade social, pois existe uma ideologia segundo a qual a escola é uma porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional. No entanto, há contradição quando a organização da escola é meritocrática, já que impede que ocorra um processo educativo democrático que promova a "aprendizagem significativa" de todos os alunos independente das suas diferenças sociais, culturais e cognitivas etc., de modo que todos se apropriem dos conhecimentos necessários e estejam aptos a participarem de processos sociais mais amplos envolvendo o mundo do trabalho, da tecnologia, da ciência, da arte etc. Sendo assim, para este discurso uma escola verdadeiramente democrática deve promover um processo avaliativo que realmente garanta a efetiva aprendizagem de todos os alunos, respeitando suas diferenças, uma escola que retire

do seu ambiente qualquer procedimento pedagógico que tenha uma dinâmica de classificação e de exclusão.

6 ANÁLISE SEMIÓTICA DA CHARGE 2

Imagem 2: Fonte google[10]

6.1 Ponto de vista qualitativo-icônico

Sobre o ponto de vista qualitativo-icônico percebe-se a presença de imagens que sugerem uma sequência em quadros. O primeiro é composto pelo enunciado “Formação continuada de professores”, que está escrito de um modo semelhante a um verso, onde cada palavra está posicionada uma em cima da outra, exceto a preposição “d” que vem acompanhando palavra “professor”. Em seguida aparecem as outras imagens que sugerem uma professora.

6.2 Ponto de vista singular-indicativo

10 https://br.images.search.yahoo.com/search/images?p=charge+sobre+educa%C3%A7%C3%A3o&fr=yset_chr_syc_oracle&imgurl=https%3A%2F%2Fnovostalentosmoacirgadotti.files.wordpress.com%2F2012%2F05%2Fcharge.jpg#id=64&iurl=http%3A%2F%2Fumbrasil.com%2Fwp-content%2Fuploads%2F2018%2F01%2Fcharge-29-01-2018.png&action=click. Acessado em abril de 2018

No que diz respeito ao ponto de vista singular-indicial, é possível visualizar nas imagens desenhos que apontam para a existência concreta de uma professora: caderno, capelo, caneta e jaleco.

6.3 Ponto de vista convencional-simbólico

Sobre o ponto de vista simbólico percebe-se que a formação continuada do professor é representada por um ato de improviso e auto-satisfação, pois a professora fabrica seu chapéu de formatura (capelo) e demonstra muita satisfação. Pode-se dizer que essa charge apresenta um discurso que critica a formação continuada no sentido de que esta que visa somente o *status quo*, já que é uma formação individual ofertada principalmente por instituições privadas (relação mercadológica). Nesse caso, o que mais vale para a formação continuada é o diploma, o certificado. Um discurso contrário a esse tipo de formação é o que defende a ideia de uma formação voltada para o caráter crítico-reflexivo da prática educativa (epistemologia da prática) que não se resume apenas ao ensinar e aprender em sala de aula, mas uma reflexão ampliada para esferas sociais, políticas, históricas e econômicas onde está inserida a prática docente. Portanto, percebe-se na charge que não há nada que remeta a um processo crítico e reflexivo sobre a prática educativa, o que é algo indispensável para a qualificação profissional e, principalmente para a melhoria do ensino.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, pretendemos compreender como a semiótica de Peirce pode fornecer elucidações sobre o processo de significação implícita envolvendo o gênero charge, de modo a identificarmos quais os elementos significativos da composição sígnica que remetem a uma realidade sócio-histórica, isto é, aquilo a que o signo se refere.

Sendo assim, a partir das análises semióticas realizadas, é possível confirmar a hipótese levantada: a de que o as charges analisadas representam, de modo caricaturesco e ao mesmo tempo alegórico, as realidades sociais representadas. Isso porque a significação implícita presente nas charges analisadas consiste no modo como estão retratadas tais realidades sociais, isto é, o fato de nas imagens aparecerem situações que não correspondem a uma realidade concreta do nosso mundo funciona como uma representação que dá indícios do que não está sendo dito na configuração do próprio signo. Dito de outro modo, o exagero, a caricatura da situação e o traço alegórico da configuração imagética das charges simbolizam o

próprio dizer crítico do gênero. Nesse caso, para haver compreensão dos significados implícitos é preciso acionarmos conhecimentos prévios referentes aos acontecimentos sociais representados, de modo que a irrealidade que aparece na charge produza seu efeito crítico, satírico e humorístico.

O conceito de símbolo é o mais importante para compreendermos o processo de significação implícita envolvendo as charges analisadas. Como o gênero charge faz parte da esfera jornalística cuja finalidade é retratar critica, satírica e humoristicamente uma realidade social e é um gênero que possui uma característica de linguagem peculiar, uma vez que agrega linguagem imagética e verbal, há elementos na sua constituição que fazem referência às ideias representadas. Como afirma Coelho Netto (2003, p. 58) o "*símbolo é um signo que se refere ao objeto denotado em virtude de uma associação de ideias produzidas por uma convenção*". Nesse sentido, considerando o gênero charge, pode-se afirmar que essa configuração textual é um empreendimento criativamente simbólico, uma vez que a associação de ideias produzidas no ato da leitura se deve ao fato de que este texto é criado justamente para "atacar simbolicamente" práticas sociais e suas respectivas ideologias, o que justifica o modo como a linguagem das charges é expressa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo***.** Lisboa: Edições 70, 1977.

COELHO NETTO, J. Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do discurso: reflexões introdutórias. São Carlos: Ed. Claraluz, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

MOTTA ROTH, Dèsirée. HENDGES, Graciela H, *Produção textual na universidade*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ORLANDI. Eni P. *Análise de discurso.* 8º ed. Campinas: Pontes, 2009.
PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. – São Paulo: Cengage Learning, 2008.

_____. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Ed. Pioneira, 2000.
_____. *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica.* São Paulo: Cenage Learning, 2012.

SANTAELLA, Lucia & NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* – 23 ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.